

# O murmurar inquieto dos milénios

Luís Carmelo

Universidade Autónoma de Lisboa

## Índice

1 Milénio, ano mil, celebração, espera ou temor ?	1
2 Os milénios do sexto dia e de Alexandre	4
3 O frágil milénio do ano 1000	7
4 O milénio da paixão e um mar de prodígios	8
5 Milénios islâmicos?	9

### 1 Milénio, ano mil, celebração, espera ou temor ?

A resposta, provavelmente, diluir-se-á na súmula de uma imaginação, ávida e, por vezes, tormentosa, mas que jamais conheceu fronteiras. Com origem num detalhe das 'Escrituras', ou nos relatos de Alexandre-o-Magno; na Hégira islâmica, ou no ano da Paixão de Cristo, para já não falar da astrologia, dos paradoxais cálculos do tempo e das guerras proféticas entre Cristandade e Islão... tudo, de facto, parece, ou sempre pareceu, querer fazer jus ao tão desejado milénio. Mas que milénio ?

Ou melhor, que milénios são esses que nos perseguem a fragilidade da memória e, sobretudo, a nossa própria e inapercebida inquietação ?

É um facto que, durante muito tempo, historiadores e ilustres ficcionistas identificaram o ano mil com um verdadeiro momento de pavor colectivo, devido a uma esperada, ou augurada, iminência do fim do mundo. Hoje em dia, no entanto, tudo parece indicar que, no seio do mundo cristão, um tal sentimento de fim terá sido bem mais dominante noutras épocas, nomeadamente, por exemplo, nas fronteiras entre o século V e VI, ou nos limiares do século XI.

Curiosamente, a partir da amálgama de dados disponíveis, na actualidade, é até possível concluir que o ano mil acabou por coincidir com uma série de factos, não tanto terminais, mas antes, dir-se-ia, de recomeço, ou mesmo, de alvor de uma nova vida. Um dos sinais desse recomeço terá sido o notável incremento do comércio, ligado à formação das primeias comunas do Norte de França, ou à progressiva autonomia dos mercadores lombardos<sup>1</sup>. A ilustrá-lo, refira-se a grande frequência com que a palavra portus surge em textos dos séculos X e XI, na acepção de entreposto de mercadorias. Na Flandres e em Inglaterra, os habitantes do port passam então a receber o nome de poorter ou portmen, antecipando a designação de uma futura burguesia comercial. É também, a par-

<sup>1</sup>Henri Pirenne, *Histoire économique et sociale du Moyen-Age*, PUF, Paris, 1963:16\25\34.

tir de 992, que o Doge veneziano, Pedro II Orseolo, desenvolveu ligações decisivas entre os portos da Laguna e do Bósforo, onde uma primeira colónia comercial veneziana se estabeleceria. No final do século XI, a jovem cidade-estado tornava-se já numa potência marítima<sup>2</sup>.

Dominados pela pobreza que grassava na imensa Europa cristã do ano mil, hesitante ainda entre o lustro imperial e a fidelidade dos juramentos feudais, cerca de quarenta milhões de habitantes pareciam, com efeito, agora beneficiar de uma progressiva suavização do clima (o gelo do Ártico derretia-se a grande velocidade por essa altura) e de uma rápida implementação tecnológica que se fazia sobretudo sentir nos artefactos, caso dos estribos e ferraduras que subitamente se generalizaram, ou do arado que passou a dispor de dupla roda e lâminas. Para todos estes melhoramentos, nos quais também se incluem diferentes formas de controlo hidráulico, terá igualmente contribuído a estabilidade que sucedeu às seculares invasões do Norte e Leste europeus, dissuadidas pelas novas áreas subitamente cristianizadas, tais como a Hungria, a Polónia ou a Rússia meridional do recém-convertido Vladimir (m.1015) e de Jaroslav, o Sábio (m.1051).

Diga-se que é ainda por volta do ano 1000 que uma poderosa escola arquitectónica começou a desenvolver-se na Normandia. A grande abadia de Jumièges, edificada já entre os anos de 1048 e 1067, terá sido, para

<sup>2</sup>C.Crump, E.Jacob (org.), *The Legacy of the Middle Ages*, Clarendon Press, Oxford, 1962:64\`medieval architecture', W.Lethaby; 218,219\`Handwriting',E.Lowe; 323\`Canon Law',G. Le Bras; 471\`Royal Power and Administration', C.Johnson.

W.Lethaby, o exemplo maior dessa escola, embora o monge Rudolfo Glaber (uma das raras fontes da época) se tenha referido expressamente ao renascimento das basílicas, sobretudo na Gália e em Itália, a partir do "terceiro ano depois do milénio". Por outro lado, a uniformização da escrita carolíngia minúscula estaria então na ordem do dia, já que, depois de implantada entre o Loire, o Reno e os Alpes, viria também, segundo E.Lowe, a ser adoptada, no limiar do ano mil, por uma Inglaterra a braços com invasões de nórdicos (1013) que, por sua vez, terão, na época, atravessado o Atlântico em diversas latitudes (Leif Ericson, no próprio ano 1000, e Thorfinn Karlsefni, em 1003).

Abraçando o anátema deste milénio aventuroso e algo rejuvenescedor, admita-se, apesar de tudo, que o tempo de glória era ainda um claro apanágio dos grandes Impérios do Islão; Abássida em Bagdad (até 1055) e de descendência Omáida em Córdova (até 1031). Contudo, a penetração Buyida e Seljúcida, no primeiro caso, e o advento próximo dos Reinos Taifas, no segundo, prefiguravam já novos tempos de decadência e de guerra aberta. As Cruzadas orientais, cujo advento era ainda distante (1095), constituiriam parte dessa guerra, articulada com a luta escatológica, de vida ou de morte, que, na Península Ibérica, muito em breve, se viria a baptizar paradoxalmente por 'Reconquista'. Entretanto, os ataques esporádicos iam-se já sucedendo entre o Islão e a aliança Génova-Pisa (entre 935 e 1011), ou entre Bizâncio e os Hamdanidas (depois de 975), ou ainda através das mais variadas incursões e pilhagens como a que atordoou Santiago de Compostela, no ano quase milenar de 997.

Possivelmente pouco alérgico às trevas ocidentais, que, agora, a pouco e pouco, iam

clareareando, e, porventura, imune à memória ainda actual dos séculos de ouro de Córdova e de Bagdad, a verdade é que o Papa Silvestre II, que reinou entre 999-1003, acabaria por reduzir ao mutismo total quaisquer alusões a alvoroços milenaristas da sua época. Otão III, por seu lado, coroado imperador em Roma, no ano de 996, e movido talvez por um profundo desejo de união de toda a Cristandade (desígnio que deixou registado em selos do próprio ano 1000), mandou solenemente desenterrar Carlos Magno que, como afirmou H.Schwartz, "jazia em perfeito estado e plena piedade com uma cruz de ouro ao pescoço"<sup>3</sup>.

Ao contrário, por exemplo, do novo e contemporâneo monarca cristão de Kiev, o já referido Jaroslav o Sábio, que, nas suas crónicas, pensava viver no ano 6544 depois de Adão, Otão III parecia, com tais rituais, querer associar a força do número 1000 àquilo que F.Kermode chamou a "apoteose da era"vívda<sup>4</sup>. A gravura da Staatsbibliothek de Munique que deixou para a posteridade Otão III, sentado no seu trono, rodeado de bispos e vassallos, é, nesta medida, um dos ícones interessantes da época. Na imagem, o olhar do imperador é fixo, determinado e ocupa uma posição central, quer face aos capitéis em forma de Janus, quer face às suas próprias mãos que ostentam, de um lado, o ceptro e, do outro lado, o globo dominado por uma cruz grega. Porventura, tendo até em conta a entente que parece ter desenvolvido com o Papa Silvestre, Otão III deveria ser um bom conhecedor da famosa

<sup>3</sup>Hillel Schwartz, Os finais de século-lenda, mito, história de 900 ao ano 2000, Difusão cultural, Lisboa, 1992:51.

<sup>4</sup>Frank Kermode, A sensibilidade apocalíptica, Século XXI, Lisboa, 1998:104.

Carta profética do monge Adso sobre o Anticristo, onde, no ano de 954, se escrevia que o tempo do fim apenas haveria de chegar, no momento em que um imperador cristão, qual desejado, protagonizasse decisivamente os acontecimentos derradeiros do mundo:

"Alguns dos homens letrados do nosso tempo dizem que um dos reis dos francos, que virá no fim dos tempos, reconstruirá, outra vez, o Império Romano. Ele será o último dos grandes guias. Depois de governar o seu império, ele virá a Jerusalém e colocará o seu ceptro sobre o Monte das Oliveiras, em Jerusalém. Isto sucederá no fim e será a consumação do império romano e cristão..."(...) "Este tempo, porém, ainda não chegou..."<sup>5</sup>

É possível que Otão III conhecesse esses e outros apelos da tradição sibilina. No entanto, à época deste quase volátil milénio, uma coisa era certa e evidente: no mundo, apenas interessavam os sinais, os augúrios, ou os prodígios. Todas as manifestações da natureza e todos os presságios do tempo corrente, mais do que factos objectivos, eram, em primeiro lugar, o próprio discurso de Deus. Havia, pois, que compreendê-los por trás da notação matemática do tempo.

E se é verdade que a notação lógica domina, hoje em dia, a nossa própria ideia orgânica (e até progressiva) de história, para estes homens, como Adso, Glaber ou Otão, a história mais não era do que uma lenta e paciente espera pela salvação anunciada. Mais:

<sup>5</sup>Em Antologia de Textos publicado em B.McGinn, Visions of End-Apocalyptic Traditions in the Middle Ages, Columbia Un. Press, New York, 1983:82-87.

se alguma vez existiu impaciência face ao desejado fim escatológico, e portanto face à salvação final, uma das manifestações (ou medidas) privilegiadas dessa impaciência foi decerto o milénio.

E, diga-se em abono da verdade, só aqui entre nós, que vários foram os milénios com que essa longa espera foi contemplada. E não apenas na Cristandade. Viajemos, pois, um pouco, através de todos eles.

## 2 Os milénios do sexto dia e de Alexandre

A determinação das idades do mundo nunca terá sido uma grande preocupação dos textos do Novo Testamento (apesar de o Cristianismo se enunciar num tempo em que a literatura apocalíptica judaica fazia jus a uma compreensão total da história<sup>6</sup>). Seja como for, a partir do século II d.C., talvez porque a espera escatológica cristã começasse a tardar, um certo número de escritos patrísticos retoma a tradição da semana cósmica dos 7000 anos, no sentido de tentar delimitar as fases e o horizonte último da história do mundo. Deste modo, entre Adão e Cristo, foram consideradas cronologias de cinco fases (Orígenes), seis fases (Hipólito), ou mesmo sete fases (Eusébio de Cesareia). Estes fa-seamentos viriam a ser relacionados, de variadas formas, com a interpretação literal, ou quase literal, de uma alegoria do versículo 20 do texto do "Apocalipse" que ultima o Novo Testamento:

"Em seguida vi um anjo des-

<sup>6</sup>Luís Carmelo, *La représentation du réel dans des textes prophétiques de la littérature aljamiado-morisque*, Un.Utrecht, Utrecht, 1995:23-32 e *Anjos e meteoros*, Edit.Notícias, Lisboa, 1999:13-15.

cer do céu tendo na mão a chave do Abismo, bem como a enorme corrente"(20,1). "Dominou o Dragão, a antiga serpente - é o diabo, Satanás - e acorrentou-o por mil anos"(20,2) "Lançou-o no Abismo, fechou sobre ele os ferrolhos, após selos, para que ele deixasse de desviar as nações, até ao fim dos mil anos. Após o que deve ser libertado por pouco tempo."(20,3) "Passados os mil anos, Satanás liberto da sua prisão"(20,7) "irá seduzir as nações dos quatro cantos da terra, Gog e Magog, e juntá-las para a guerra, tão numerosas como a areia do mar."(20,8)

As diferentes interpretações destas passagens conduziram ao anúncio de um reino terrestre de mil anos distintos do reino de Deus (mas onde se faria sentir já a potência da revelação); ou à ideia de premonição de uma época futura que separaria a vinda de Cristo do fim; ou ainda à ideia de que o milénio não poderia ter qualquer cabimento no tempo e no espaço, constituindo, portanto, e tão-só, um modelo espiritual (S.Agostinho).

De qualquer maneira, esta omnipresença do número mil deve ser explicada. Para além do significado retórico dos números em geral (na tradição dos textos de Daniel, por exemplo), o número mil surge na Vulgata cristã, seja como clara alusão à semana cósmica de 7000 anos, própria da concepção judaica (helenizada); seja ainda como alusão às especulações sobre a estadia do primeiro homem no paraíso (Deus disse a Adão que ele morreria no dia em que comesse o fruto proibido (Gn 2,17) e, como se sabe, morreu

com a idade milenar de 930 anos). Aliás, de acordo com uma passagem dos Salmos, a silhueta simbólica, e não literal, do número mil parece tornar-se evidente, já que, aí, metaforicamente, se refere que "mil anos são" como "um dia para Deus" (Ps 90,4). Nos Actos dos Apóstolos (1,7-8), por seu lado, é também inequívoco o testemunho que ilustra a necessária indeterminação dos tempos finais: "Não compete a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai reservou da sua autoridade, mas tereis a força do Espírito Santo que descerá sobre vós". Neste sentido, ao contrário da teoria milenarista da espera, o reino dos "mil anos" significaria, em última análise, que a própria vinda de Cristo já constituiria, em si, pelo menos para o crente, uma forma de acesso espiritual à vida paradisíaca.

No entanto, as interpretações mais literais do Apocalipse cristão levaram certos movimentos a considerar o milénio como um efectivo reino de mil anos, no início do qual Cristo desceria à terra para governar com os justos. Após esse reino, suceder-se-iam a ressurreição geral e o reino da eternidade. Sobretudo na Ásia Menor, os montanistas fizeram desta projecção escatológica um dogma. Estes milenarismos, de acordo com a Patrologia de A. Cayré<sup>7</sup>, viriam a ser combatidos por Orígenes (séc. III) e por Dinis de Alexandria (séc. III), no Oriente; por Caius de Roma (séc. II) e por Santo Agostinho (séc. IV e V), no Ocidente. Bernard McGinn, autor de *Visions of the End* (1979), considerou que os estudos recentes

<sup>7</sup>A.F.Cayré, *Patrologie et Histoire de Théologie*, Société de S.Jean L'Évangéliste-Desclée et Cie., Éditeurs Pontificaux, Paris - Tournai - Rome, Tome Premier (Livres I et II), 1953; Tome Deuxième (Livres III et IV), 1947:24.

de J. Daniélou, ou de A. Luneau, sobre o tema demonstraram que as doutrinas milenaristas constituem, sobretudo, "a forma segundo a qual a cristandade judaica conseguiu traduzir a doutrina original do regresso de Cristo" à terra.

Independentemente de toda esta polémica teológica, a própria vastidão da literatura profética sobre o milenarismo viria a provar a persistência do tema, durante séculos, pelo menos, "no submundo obscuro da religião popular- como frizou N.Cohn<sup>8</sup>. Neste sentido, a adaptação aritmética da semana cósmica, quer à vinda de Cristo, quer ao anúncio literal do milénio, levaria muitos exegetas a considerarem que o Exílio teria ocorrido, mais ou menos, por volta do ano 5000 após Adão e que a vinda de Cristo teria, por sua vez, ocorrido por volta de 5500 (o chamado ano encarnacional). Embora os historiadores mais diversos, sobretudo de Alexandria e Bizâncio, tivessem feito flutuar o ano encarnacional entre 5494 e 5508 depois de Adão, a verdade é que o pânico milenarista se foi projectando, com o tempo, para a presumível data do advento do sexto milénio (o ano 6000). A lógica era simples e rudimentar: entre o ano 6000 e o termo da semana cósmica, ou seja, o ano 7000, decorreria o milénio e, com ele, toda a anunciada torrente dramática de acontecimentos finais.

Vários são os textos que traduzem a grande inquietação deste milénio do sexto dia que teria lugar no limiar, ou no próprio século VI. Por exemplo, no termo da sua obra sobre a Vida de S.Martinho, Sulpicius Severus (m.430), escreve:

<sup>8</sup>N.Cohn, *Na senda do milénio-Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*, Presença, Lisboa.,1981:44.

"Dizia S.Martinho que não podia duvidar-se que o Anticristo, criado pelo espírito maligno, tivesse já nascido e que estivesse (até) nos seus anos de infância, esperando pela idade viril para conquistar o império. Isso, ouvimo-lo dizer ao próprio S.Martinho há oito anos: julgai, pois, como está já próximo este futuro duvidoso"<sup>9</sup>

Na mesma época, no *Progresso do tempo* (397) de Quintus Julius Hilarianus, pode ler-se igualmente:

"Tendo em conta os 470 anos que devem contar-se a partir da Paixão do Senhor, (concluamos que) no dia 24 de Março do Consulado de Ceasarius e Atticus, já passaram 369 desses anos. Faltam, portanto, 101 anos para completar os seis mil. Os seis mil anos não serão completados antes que dez reis avancem em direcção ao (limiar do) fim do mundo e removam da névoa a filha de Babilónia que continua firme"(referência aos Bárbaros que então ameaçavam o império romano)<sup>10</sup>.

Semelhante tipo de milenarismo iminente, ou de catástrofe pressentida, surge noutros textos da época, como, por exemplo, no Livro das promessas e predições de Deus (atribuído a Quodvultdeus; m. 435) e no apócrifo bizantino, designado por Revelação de João. Curiosamente, na sequência da profecia Sibila Tiburtina (380 d.C.) que criou a figura

<sup>9</sup>Sulpicius Sverus, *La fin du monde* in *Vie de Saint Martin, Foi Vivante*, Paris,1996:73/(XIV).

<sup>10</sup>Em Antologia de textos publicado em B.McGinn, *Visions of End-Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*, Columbia Un. Press, New York,1983:53-54.

de um Imperador-salvador dos últimos dias (de acordo com tradições ligadas às épicas de Alexandre-o-Magno), novas lendas imperiais, também de cariz apocalíptico, haveriam de aparecer, sobretudo no final do século IV e início do século seguinte. Uma das mais conhecidas é o Discurso de Jacob de Serug (451-521), baseado numa das várias versões, correntes na altura, das Lendas sírio-cristãs de Alexandre. Nesse texto, são, de início, referidas as tribulações que o advento, já próximo, do milénio prenunciaria:

"O Senhor diz, 'ao cabo do sétimo milénio/ Haverá rumores e terramotos em todas as terras/ o pecado e o mal invadirão todo o mundo' "

e termina com a vitória e exortação terrenas de Alexandre sobre o poderoso Anticristo, coadjuvado pela redenção divina final:

"Estas coisas belas fê-las e interpretou-as Alexandre/ E todas elas acontecerão antes desse dia do fim".<sup>11</sup>

Este milénio do sexto dia, a par do, muitas vezes, designado milénio de Alexandre, foram, em grande parte, obra de notáveis cristãos, como Santo Hipólito (m. 235), que em *Sobre Cristo e o Anticristo*, no início do século III d.C., declarava que os tempos finais não eram tempos iminentes, pois, se Cristo nascera em 5500, ainda faltariam, pelo menos, dois séculos para o grande drama pré-salvífico. Contudo, Santo Agostinho tentou acalmar, a tempo, a fúria com que se desejava o prematuro milénio do século VI, ao

<sup>11</sup>*Ibid.*:62.

escrever profeticamente na Cidade de Deus: "Quando o sexto dia houver passado, depois de ter soprado o vento que se separa, virá o repouso".

### **3 O frágil milénio do ano 1000**

Apesar de recentes investigações de Richard Landes que imputam alguma inquietação milenarista para a região franco-alemã, por volta do ano mil, continua a parecer bem mais forte o consenso científico que protela, para o termo do século XI, as grandes manifestações de iminência final. É, de facto, a partir das peregrinações de 1033 e 1064 e, posteriormente, em 1095, com a proclamação político-escatológica do programa das Cruzadas, que os paupere e prophetae, por essa Europa fora, delinearam uma verdadeira exaltação de 'salvação dos últimos dias'. J.-C. Carrière, N.Cohn, J.Delumeau ou E. Perroy, entre muitos outros, corroboram, com efeito, este consenso. Todavia, para melhor compreendermos como o ano mil se tornou - muitos séculos depois de ter ocorrido - num simulacro de inquietações colectivas imaginárias, propomos, desde já, uma breve viagem aos critérios que determinaram a própria contagem, ou cômputo, do ano mil.

Recuemos, para tal, aos anos vinte do século VI, quando o Papa João I pediu a Dionísio o Exíguo (também chamado David, o Pequeno) que estabelecesse um novo calendário baseado no nascimento de Cristo. O momento era propício para tal aventura, já que estava praticamente passada a época de temor apocalíptico que, como vimos, havia cruzado o milénio do sexto dia. Dionísio, após muitas consultas e leituras, concluiu que Jesús teria nascido a 753 A.U.B (ad urbe condita - data contada a partir da

presumível fundação de Roma, confirmada ou legitimada, já há séculos, pelo designado 'código juliano').

Nesse sentido, segundo as notações de Dionísio o Exíguo, Cristo teria nascido a 25 de Dezembro de 753 A.U.C., embora o primeiro ano da Cristandade só devesse ser contado a partir do primeiro de Janeiro do ano seguinte, isto é, de 754 A.U.B (momento da circuncisão de Jesús, após a sua primeira semana de vida). Acontece que, por não dispor do número e sobretudo do conceito de zero (criação indiana e depois islâmica dos séculos VIII para IX, segundo Stephen Gould<sup>12</sup>), Dionísio esqueceu-se de baptizar o ano de 754 como ano 0, acabando antes por designá-lo, para a posteridade, como se fosse o verdadeiro ano 1.

Esse facto viria criar inusitados embaraços nas passagens festivas dos séculos, sobretudo quando, a partir dos anos oitenta do século XVI, com o plano reorganizador de Gregório XIII, a cronologia temporal cristã se ajustou em todo o Ocidente cristão (até aí os anos iniciavam-se, na Europa, nos meses mais diversos, sobretudo em Março, mas também em Janeiro e em Setembro). O mais curioso - e tal constitui um reconhecimento tardio por parte dos historiadores pós-românticos - é que Dionísio o Exíguo teve ainda outro engano mais pesado, apenas provado pelo facto de se saber historicamente que Herodes terá morrido a 750 A.U.B. (ou seja, no ano 4 a.C.). É conhecido - e as fontes histórico-evangélicas são, nesse ponto, óbvias - que Jesús e Herodes tiveram que coexistir, em vida, pelo menos durante umas

<sup>12</sup>Stephen Jay Gould, 'L'na 2000 et les échelles du temps' em *Entretiens sur la fin du temps*, Fayard, Paris, 1998:23-24.

semanas, razão pela qual o ano 0 real deveria ter sido considerado quatro anos antes do apontado por Exíguo. Se somarmos a toda esta demanda aritmética que os anos bissextos, considerados já no código juliano de 46/45 a.C., nunca bastaram, para contar - e sobretudo para logicamente conter - o tempo real 'que corre' (em 1582, o desfaseamento era já de doze dias o que conduziu a 'reparações' em Outubro desse mesmo ano, por iniciativa de Gregório XIII; hoje é-o de 24,96 segundos), concluiremos que o cálculo do nosso Anno Domini (a partir do nascimento de Cristo) é, no mínimo, mais do que problemático. Ou, pelo menos, tê-lo-á sido em tudo, mas mesmo em tudo, o que aconteceu, ou não terá acontecido, nesse tempo imaginário de há 999 anos atrás.

É por isso que o ano mil, certamente, nem começou, ao mesmo tempo, em todo o lado; nem terá sido, em muitos outros lados ainda, um ano do género "d.C.", tal como o entendemos hoje. Mais: a própria designação da era a.C./d.C., talvez ainda fosse, na altura do ano mil, em vastas regiões europeias e não só, concorrente da primeira de todas as eras cristãs - a 'era dos mártires' -, contada a partir da data das perseguições de Diocleciano, dois séculos e meio antes de o próprio Dionísio ter posto mãos à sua generosa obra de contagem. Por tudo isto, enquanto a memória de todos nós não desenterrar novos factos desaparecidos, ou talvez nunca provados, o milénio do ano mil continuará a ser tema nobre para novelas. Até porque a história, já o soletrava Ricoeur, é uma ficção criada pela ordem da modernidade. E isso apesar de o milénio do ano mil aparentar o que parecer, de facto, sido: um frágil milénio.

#### 4 O milénio da paixão e um mar de prodígios

Já dissemos que o século XI é um tempo em que o homem olha para o mundo como quem tenta sondar os prodígios e tentações que se ocultam por trás de um véu. Seria assim ainda, aliás, durante séculos, até que, muito mais tarde, a razão humana achou por bem encontrar regras próprias que substituiu às de Deus, na interpretação, já sem véu, da coisas da natureza e do tempo. Fosse como fosse, no âmbito desta semiose divina medieval, o certo é que os ensinamentos da revelação cristã atribuíam muito mais importância congregadora à Ressurreição e à Crucificação do que à Natividade. A comprová-lo, bastará constatar a insistência com que, ao longo da Europa, o ano novo se fixava, não em Janeiro, mas no final de Março. Talvez por isso o ano de 1033, que traduzia o milénário da morte e redenção de Cristo, tivesse ocupado, a seu tempo, alguns espíritos com a exortação própria dos grandes momentos da vida colectiva.

Nesta linha de ideias, é, de facto, curioso constatar o facto de a memória histórica ter sabido guardar alguns eventos ocorridos em 1033 (ou próximos dessa data). Decerto que algo da imaginação milenária os terá associado a avisos ou alvires divinos. O mais pungente desses factos foi provavelmente o eclipse de 29 de Junho 1033, em pleno solstício milenar da paixão de Cristo, descrito pelo monge Rudolfo Glaber como se o mundo, de repente, tivesse ficado imerso "num vapor cor de açafraão", criando no "coração dos homens um estupor e terror imensos"<sup>13</sup>. Quem

<sup>13</sup>Texto fixado em G.Duby, O ano mil, edições 70, Lisboa,1986:106.

sabe se, também, a fome da Borgonha, do mesmo ano de 1033, não teria recebido influências de uma tal penosa ocultação de luz ?

Antecedendo o potente eclipse, um grande cometa, sabiamente comentado por Adémar de Charbannes e ainda por Raul Glaber, uns anos antes, em 1014, parecia já pressagiar outros grandes acontecimentos. Ouçamo-los: "O que contudo é certo, é que, cada vez que os homens vêem produzir-se no mundo um prodígio desta espécie, pouco depois abate-se visivelmente sobre eles alguma coisa de espantoso e de terrível"<sup>14</sup>. Esses espantos, porventura, teriam coincidido com os combates de estrelas de Janeiro de 1023, ou com as bizarras monstruosidades que Glaber também soube detalhadamente descrever. No entanto, o mesmo monge conseguiu igualmente mostrar, com uma nitidez paradisíaca, que, no advento do milénio da Paixão, tudo, de facto, parecia ter-se modificado:

"No ano milésimo depois da Paixão do Senhor, após a dita fome desastrosa, as chuvas das nuvens acalmaram-se obedecendo à bondade e à misericórdia divina. O céu começou a rir, a clarear e animou-se de ventos favoráveis. Pela sua serenidade e paz, mostrava a magnanimidade do Criador. Toda a superfície da terra se cobriu de uma amável verdura e de uma abundância de frutos que expulsou completamente a privação."<sup>15</sup>

Dir-se-ia que era chegado o "repouso" que S. Agostinho apontara como conteúdo do sé-

<sup>14</sup>Ibid.:112.

<sup>15</sup>Ibid.:179.

timo e derradeiro milénio salvador. Foi também em 1033 que se iniciou, de modo pioneiro e prefigurador de futuras Cruzadas, a poderosa onda de grandes peregrinações. O destino dessas peregrinações e, depois de 1095, das próprias cruzadas, era a mesma Terra Santa onde, também em 1033, curiosamente, um terramoto se fez sentir "desde o mar até Forte Dan, em todas as cidades do Negev e do Monte a Jerusalém, a Siquém e às suas aldeias, a Tiberíades e suas aldeias, às montanhas da Galileia e a toda a Palestina"<sup>16</sup>

Os dados são eloquentes ou, pelo menos, falam por si no sentido de se poder concluir que os prodígios terão sempre correspondido à singularidade da data milenar da Paixão cristã, embora, como adiantou U.Eco ou N.Cohn, os milenarismos, mais do que afrontamentos teológicos, resultam sobretudo da fúria revolucionária que se abate nas sociedades, em época de mudança ou de carência. Deste modo, à magnitude dos prodígios, ter-se-á unido um tempo de recomeço e reconstrução que foi o que caracterizou, de facto, o pós-ano 1000, como já vimos. Terá sido essa, com efeito, a essência do milénio da Paixão ?

Apenas o tal grande escultor, que é o tempo, poderá, um dia, a tal responder. Mas, sempre, convenhamos, em absoluto e radical sigilo.

## 5 Milénios islâmicos?

Numa profecia da minoria mourisca e cristã-nova da foz do Ebro, provavelmente dos anos trinta do século XVI, podia ler-se: "No se

<sup>16</sup>Hillel Schwartz, Os finais de século-lenda, mito, história de 900 ao ano 2000, Difusão cultural, Lisboa, 1992:52.

detallará/ ni sabrán k(w)ando se levantará el dí(y)a/ del judici(y)o d-akí-(y)a ke verán los/ montes ke se abrán ap(a)lanado"<sup>17</sup> (não se especificará, nem ninguém virá a saber quando será o dia do juízo, daqui até que os montes se tenham aplanado). Esta preciosa metáfora da espera escatológica, repetindo metáfora idêntica do Alcorão (surata XVIII,45), é mais atenta à ideia de espaço do que propriamente ao cômputo temporal. Porventura, essa atenção, ou inclinação, islâmica parece reflectir uma outra visão da espera pelos tempos do fim que, ao contrário do Canon cristão, jamais teria sido filtrada pelo simbolismo de um qualquer ano mil. No entanto, vários são os dados que nos permitem pensar de modo inverso. Vamos, pois, percorrê-los, um a um, para que possamos chegar a uma conclusão menos... aparente.

Durante o reinado do quinto califa abássida, o famoso Harún ar-Rashíd (764-809), surgiu um texto enigmático designado por Apocalipse de Bahíra. A tradição deste texto (atribuído a um monge cristão que se teria convertido ao Islão) liga-se ao espírito da profecia cristã Pseudo-Methodius (660-680) onde, por sua vez, é imaginado um imperador-salvador que, no termo do milénio de Alexandre, apareceria para pôr cobro à súbita emergência islâmica. Como referiu A. Abel, "a vinda dos árabes foi apresentada, no Apocalipse de Bahíra, como no Methodius, enquanto reflexo de um dos acontecimentos catastróficos que preparariam o fim do mundo"<sup>18</sup>. A profecia islâmica inicia-se com

<sup>17</sup>M.Sánchez Alvarez, *El Manuscrito misceláneo 774 de la Biblioteca Nacional de París*, Gredos, Madrid, 1982:317.

<sup>18</sup>A.Abel, 'Changements politiques et littérature eschatologique dans le monde musulman' em *Studia Islamica*, Vol. II, 1965: 23-45.

uma visão de tipo danielítica e termina com uma série de predições escalonadas, precisamente, a partir do ano 1050 de Alexandre, de acordo com a ordem das premonições milenares do próprio Methodius cristão.

A profecia de Bahíra relaciona, pois, o milénio de Alexandre com o despontar histórico do próprio Islamismo, chegando a traçar analogias com o género milenário profético cristão. Contudo, essas analogias não se ficam por aí. Tal como no Cristianismo, também no Islão, a semana cósmica dos sete milénios preenche o imaginário da escatologia, embora sempre, ou quase sempre, à margem de disputas ditas teológicas. Neste contexto, refira-se a *Taríkh ar-Rusul wa-l-Mulúk* (História dos Profetas e dos reis) de at-Tabarí (838/9-923)<sup>19</sup>. Na primeira parte do seu livro<sup>20</sup>, o autor, debatendo-se com a duração do mundo, afirma: "... foram transmitidas informações, sob a autoridade do mensageiro de Alláh, que provam a veracidade do testemunho, segundo o qual (todo) este mundo é de seis mil anos". Uns séculos mais tarde, na *al-Muqaddima* (Discurso sobre a história universal), Ibn Khaldún (1332-1406) comentou a passagem de at-Tabarí, afirmando: "at-Tabarí fundava-se numa tradição" que atribui a este mundo a duração de "uma só semana de todas as semanas do outro mundo"<sup>21</sup>. Céptico em relação a at-Tabarí, Ibn Khaldún,

<sup>19</sup>Abú Jafar Muhammad b. Jarír al Tabarí, *The History of al-Tabarí - General Introduction and From Creation to the Flood* (Vol.I): ed.ut.: tr. Rosenthal, Franz; (*Ta'ríkh al-rusul wa-al-mulúk*, Bibliotheca Persica), State University of New York Press, Albany, 1989.

<sup>20</sup>Ibid.,I:165 e sqqs.: "General Introduction and From the Creation to the Flood"(ibid.,I:165 e sqqs.).

<sup>21</sup>Ibn Khaldún, *Discours sur l'Histoire Universelle* (*al-Muqaddima*), org./tr. Monteil, Vincent: Commission Internationale pour la traduction des Chefs

recorrendo ao Alcorão (Surata XXII,47) e a outros canais da tradição (do Sahíh) haveria de concluir, de acordo com tais cálculos: "o mundo duraria (após a emergência do Islão) a metade do sétimo de uma semana (de 7000 anos), ou seja quinhentos anos. Uma palavra de Maomé confirmaria esta conta - Deus não será incapaz de fazer durar esta nação mais do que um meio dia. Deste modo, o mundo existiria desde há 5500 anos, anteriores ao Islão"<sup>22</sup>.

Nos Apocalipses populares, escritos durante séculos e séculos, em terras islâmicas, a história surge, de facto, dividida em sete diferentes milénios, homólogos aos sete planetas que, por sua vez, a afectam. Deste modo, a cada milénio corresponderia sempre um planeta, uma língua e até uma forma de escrever. A criação de Adão, neste quadro, remontaria ao primeiro dos milénios e o último ao advento da revelação de Maomé. Na profecia conhecida por Apocalipse de Ka'b al-Ahbâr (séc. XIII<sup>23</sup>), o sexto século do Islão é, com efeito, descrito como o termo da revelação e como "cumprimento da perfeição". Na tradução de A. Abel, o pequeno poema que fecha uma outra profecia milenarista, a Síhat al-Búm (séc. XIII<sup>24</sup>), anuncia explicitamente, para o último ano do derradeiro milénio (999 após a Hégira), uma catástrofe generalizada sobre todas as cidades da Palestina, bem como a decadência e abdição dos cristãos (no quadro do modelo islâmico da conversão universal que deverá preceder a era escatológica da salvação).

Esta tradição profética milenarista-popular está, segundo M. Sánchez Alvarez, profundamente relacionada com a existência de tradições (hadíth) de carácter apócrifo, relativas à quantificação "milenária da Hégira"<sup>25</sup>. A autora situa-as num contexto onde a produção profética mourisca ibérica igualmente se incluiria. Esta tradição do milénio da Hégira (622<sup>26</sup>) parece vislumbrar-se também, segundo estudos recentes de A. Bouchard, na própria postura guerreira da dinastia Sa'dí marroquina face aos portugueses<sup>27</sup>. Embora haja autores que denunciam a importância teológica do ano 1000 no Islão, caso de M. García Arenal<sup>28</sup>, a verdade é que existem textos proféticos de origem cristã que jogam com o próprio milenário da Hégira, tentando assim

prestígio vários textos proféticos são-lhe atribuídos, mesmo entre os mouriscos hispânicos.

<sup>22</sup>Ibid.:249.

<sup>23</sup>Mercedes Sánchez Alvarez, 'La lengua de los manuscritos aljamiado-moriscos como testimonio de la doble marginación de una minoría islámica' em Nueva Revista de Filología Hispánica, Madrid, n° 30, 1981:441-452.

<sup>24</sup>Data da emigração do profeta Maomé de Meca para Yathrib, mais tarde chamada Medina, que ocorreu em Setembro de 622. Esta data é, ainda hoje em dia, o ponto de partida oficial para a cronologia histórica islâmica.

<sup>25</sup>Ahmed Bouchard 'Les conséquences socio-culturelles de la conquête ibérique du litoral marocain' em Actas del Coloquio Relaciones de la Península Iberica con el Magreb, Madrid, 1988: 487-538.

<sup>26</sup>Mercedes García Arenal, 'Mahdi, Murabit, Sharif: l'avènement de la dynastie sa'dienne' em Studia Islamica, n° LXXI, 1990:77-114.

d'Oeuvre, Beyrouth, 1967-I:248 (e ainda 1968-II / III).

<sup>27</sup>Ibid.:249.

<sup>28</sup>Em Manuscrito Árabe da Biblioteca Nacional de Paris, N° 2602, Fol.109 e sqqs.; G.A.L.,I:800; publicado em A. Abel, 'Un Hadith sur la prise de Rome dans la tradition eschatologique de l'Islam' in Arabica, Tome V,1958:1-15

<sup>29</sup>Em Manuscrito Árabe da Biblioteca Nacional de Paris, N° 2602, Fol.128 e sqqs.; publicado em A. Abel, ibid.:1958:7 e sqqs.. Ka'b al-Ahbâr (m.638) foi uma personalidade do início do Islão, iemenita de origem, e convertido do judaísmo. Devido ao seu

manipular aquilo que, decerto, seria uma verdadeira tradição islâmica (pelo menos de cariz popular-tradicional). É o caso dos oráculos de "Leão o Sábio, combinados com os presságios do milénio da Hégira"<sup>29</sup> e de uma profecia turca anónima, editada em 1545/6, e atribuída a um personagem de nome Barthélem Georgievitch. Em ambos os textos se estabelece uma ligação entre o milénio da Hégira e a conquista da "maçã vermelha", interpretada, no original, como sendo Constantinopla. K.Setton estudou o texto atribuído a Barthélem Georgievitch e assinalou: a profecia "demonstra que os cristãos acreditavam deter o monopólio das profecias de guerra que anteviam a destruição do Império Otomano"<sup>30</sup>. Contudo, os turcos possuíam profecias de teor idêntico, uma delas, curiosamente, com o nome latino - *Vaticinium Infidelium Lingua Turcica*, e onde a mesma "maçã vermelha" era agora identificada com Roma).

Para além do milénio alexandrino, da semana cósmica, dos apocalipses populares e do próprio milenário da Hégira, o Islão produziu ainda um outro significativo modelo milenar que, aliás, viria a ter muita importância no Ocidente cristão. Trata-se, naturalmente, do cômputo astrológico. Além da tradição das chamadas Tábuas de Toledo, de az-Zarqâlî<sup>31</sup>, foi sobretudo a tradução do *Kitâb al-Qirânât* (Livro das conjunções astrais)

<sup>29</sup>Jean Deny, 'Les pseudo-prophéties concernant les turcs au XVIe siècle' em *Révue des Études Islamiques*, n.º 10, Cahier 2, 1936: 205 (201-220).

<sup>30</sup>Kenneth Setton, *Western hostility to Islam and prophecies of turkish doom*, American Philosophical Society, Philadelphia, 1992: 132.

<sup>31</sup>Esta edição constituiu um entreposto fundamental para a transmissão dos conhecimentos na Europa. *Los libros del saber de Astronomia do Rei Afonso X, o Sábio*, (séc.XIII) inspiram-se na edição em causa.

de Abú Ma'shar (Albumassar; sec. IX) que viria a estar na base de muitas profecias sobre o fim do mundo, no fim do século XII e inícios do século seguinte, no mundo cristão (nomeadamente, o cômputo de 960 anos, por cada grande conjunção astral, atraiu inevitavelmente conteúdos milenaristas). Abú Ma'shar é citado, no Ocidente, entre outros, por Roger Bacon (m.1292)<sup>32</sup>, para concluir que a lei de Maomé não poderia durar mais do que 693 anos, e, mais tarde, pelo Bispo de Barcelona, Martín García (1441-1521), que calculou uma duração para o Islão de 875 anos, fazendo mesmo coincidir a data fatídica de 1492<sup>33</sup> e a da conjunção astral de 1524 com o destino dos mouriscos (cristãos-novos ibéricos). Os mesmos cálculos de Abú Ma'shar levariam, no final do século XII, Jirâsh b. Ahmad, em obra composta para o vizir Nizâm al-Mulk (m.1092), a propor que, entre a emergência do Islão e o fim do mundo duraria o tempo correspondente a uma grande conjunção astral, adicionado de um século<sup>34</sup>. Esta opinião, assente num verdadeiro milenarismo astrológico, havia já sido determinada, por coincidência espantosa, no início do século VIII, por um astrólogo bizantino, de nome Teófilo, que atribuiu ao "império muçulmano" a duração do que, na tradição persa-samânida, também já

<sup>32</sup>Em *Opus Majus*, Vol.I:363-365. Tradução em Antologia de textos publicada em B.McGinn, *Visions of End-Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*, Columbia Un. Press, New York, 1983:134.

<sup>33</sup>Conquista de Granada e início do fim dos mudéjares. Os cristãos-novos muçulmanos, os mouriscos, a partir de 1501, passariam a existir, enquanto a última herança islâmica em terras ibéricas.

<sup>34</sup>Em Ibn Khaldún, *Discours sur l'Histoire Universelle* (al-Muqaddima), org./tr. Monteil, Vincent: Commission Internationale pour la traduction des Chefs d'Oeuvre, Beyrouth, 1968-II:693/4.

correspondia à amplitude da grande conjunção astral, ou seja, 960 anos<sup>35</sup>.

Como se vê, os milenarismos, no campo islâmico, mobilizaram a tradição (hadíth), os apocalipses populares, os cálculos alexandrinos ou da Hégira, para além da irradiação das notações astrológicas. Tal como no Ocidente, tudo isto parece passar-se à margem das ortodoxias, embora estas, sempre que o necessitaram, não se tenham esquecido de forjar premonições para melhor controlarem o destino e manipularem os inimigos. A verdade é que, pelo menos, a partir das Cruzadas ocidentais (1017) e orientais (1096), a guerra escatológica islamo-cristã se tornou, no essencial, uma guerra entre profecias. Ou seja, não apenas entre revelações proféticas distintas, mas sobretudo entre textos que se cruzavam, enxertavam ou manietavam, na senda de um triunfo rápido, simultaneamente terrestre e divino (de certa forma, noutra escala, antecipando o actual papel dos média, na sua relação com o jogo político).

Nesta verdadeira guerra profética, o número mil, embora nem sempre fundado num versículo da Vulgata, foi, com toda a certeza, um autêntico actor. Um bravo e incontestado actor desse grande relato profético da história que parecia nunca ter fim. Do mesmo modo que, hoje em dia, o ano mil não parece, de facto, ter-se ainda extinguido dos desejos que povoam a nossa ávida e, às vezes, tormentosa imaginação.

---

<sup>35</sup>(Ibid.:694).